

Sharon Apagou a Luz ao Fundo do Túnel

Avi Shlaim

A vitória em Israel de um homem com o passado de Ariel Sharon não permite esperar nada de bom para o processo de paz israelo-árabe. Se for coerente com o seu percurso até aqui, o novo primeiro-ministro irá perpetuar o controlo judaico sobre os territórios ocupados e reforçar o poder colonial de Israel.

Israel tem um sistema eleitoral de representação proporcional, e um sistema partidário extremamente desenvolvido – talvez mesmo excessivamente desenvolvido. A introdução de eleições directas para primeiro-ministro, em 1996, tornou Israel praticamente ingovernável. Embora o objectivo da reforma eleitoral fosse reforçar o cargo de primeiro-ministro em detrimento dos partidos mais pequenos que integram a coligação governamental, o resultado foi exactamente o oposto.

No passado, os eleitores israelitas só podiam votar num partido. A reforma deu-lhes dois votos, um para o partido, outro para o primeiro-ministro. O resultado é uma combinação híbrida, que combina alguns dos piores aspectos de um sistema presidencial com os de uma democracia parlamentar. Encorajando a proliferação de pequenos partidos que representam pequenos grupos de interesses, como o dos judeus orientais ou o dos imigrantes russos, este sistema torna muito mais complicada a tarefa de formar ou manter coligações governamentais, assim como a de manter uma maioria parlamentar no Knesset (Parlamento) de 120 membros. Benjamin Netanyahu, o antigo líder do partido de direita Likud, cumpriu três anos do seu mandato de quatro, enquanto Ehud Barak, o também ex-líder do Partido Trabalhista se manteve no poder apenas 21 meses.

A 6 de Fevereiro, Israel fez uma violenta viragem à direita. Ariel Sharon, o “falcão” líder do Likud, venceu as eleições com uma importante margem de 62,5 por cento contra os 37,4 por cento de Barak. A afluência às urnas foi extraordinariamente baixa, com os árabes israelitas a boicotarem o escrutínio como forma de protesto pelas políticas discriminatórias do Governo de Barak e pela morte de 13 manifestantes às mãos da polícia no início da intifada, em Outubro passado. Muitos judeus liberais e israelitas de esquerda também se abstiveram porque não conseguiam votar num político que os tinha desiludido tanto.

Em Maio de 1999, o eleitorado israelita tinha dado a Barak um mandato claro para avançar com o processo de paz de Oslo para um acordo final com os palestinianos, e completar assim o círculo de paz em torno das fronteiras do país. Barak conquistou a gratidão da nação ao retirar-se do Sul do Líbano, mas não conseguiu avançar nem no dossier sírio nem no palestiniano. Pior do que isso, foi acusado de não ter conseguido lidar de forma eficaz com a explosão de violência que se seguiu ao colapso do processo de paz. Antigo chefe do Estado-Maior e o mais condecorado soldado israelita, Barak era o Sr. Segurança. A sua incapacidade para pôr termo à violência ligada à intifada de Al-Aqsa prejudicou gravemente a sua reputação e conduziu à viragem à direita.

Ironicamente, a pessoa que provocou os confrontos foi o próprio Ariel Sharon. Fê-lo com a sua visita provocatória às mesquitas muçulmanas na Cidade Velha de Jerusalém, a 28 de Setembro passado. Nos primeiros quatro meses da intifada, 380 pessoas morreram, 51 das quais judeus israelitas. Na altura das eleições a violência

prosseguiu, fazendo aumentar o medo dos israelitas e levando a apelos para uma liderança forte e uma acção determinada. Por isso, num certo sentido, Sharon foi chamado para resolver a confusão que, pelo menos em parte, ele próprio criara. A mensagem de Sharon de que a “firmeza” para com os árabes resolveria o problema convenceu a maioria dos eleitores, apesar de um passado de décadas que provava exactamente o contrário.

Durante a campanha eleitoral, os responsáveis pela imagem de Sharon tentaram reinventar o velho general de 72 anos como um homem de paz. O slogan da campanha era “só Sharon trará a paz”. Precisamente devido à sua dureza e às suas credenciais de direita, dizia a campanha, ele conseguiria chegar a um entendimento com os palestinianos e fazer com que ele durasse. Mas o currículo de Sharon conta uma história diferente.

Ao longo da sua carreira, tanto militar como política, Sharon tem sido um extremista e um inimigo consistente da paz. O seu princípio, desde sempre, tem sido provocar a escalada, usar a força militar numa escala ainda maior de forma a provocar a submissão dos árabes pelo terror. Os civis não foram poupados no seu esforço feroz para estabelecer a supremacia de Israel na região. Em 1953, quando era um jovem major, comandou o raide contra a localidade jordana de Qibya, no qual 45 casas foram destruídas e 69 pessoas foram mortas. Em 1982, como ministro da Defesa no Governo de Menahem Begin, foi a força inspiradora por detrás da invasão do Líbano, uma acção que levou à perda de 40 mil vidas árabes e a 18 anos de ocupação israelita do Líbano. A comissão de inquérito Kahan concluiu que Sharon foi indirectamente responsável pelo massacre cometido pelos seus aliados cristãos libaneses nos campos de refugiados palestinianos de Sabra e Chatila. Em consequência disso, a comissão considerou que ele não podia ocupar o cargo de ministro da Defesa e aconselhou a sua demissão.

No início desse ano, Sharon trabalhou, com o seu característico estilo sinuoso, para sabotar os esforços de Menahem Begin para concluir um acordo de paz com o Egipto. Primeiro, construiu colonatos improvisados no Sinai enquanto as negociações decorriam, depois concordou com a evacuação dos colonatos na zona de Rafah, e no final destruiu de forma espectacular as casas para não as dar aos egípcios. No que diz respeito à Jordânia, Sharon é desde há muito um defensor de que “a Jordânia é a Palestina”, uma tese que pretende transformar o reino Hachemita da Jordânia na República da Palestina, facilitando assim a absorção da Cisjordânia no Grande Israel.

Nos seus vários cargos – ministro da Agricultura, ministro sem pasta, ministro da Indústria e Comércio, ministro da Habitação e Construção, ministro das Infraestruturas Nacionais e ministro dos Negócios Estrangeiros – Sharon ignorou os compromissos diplomáticos e incentivou a confiscação de cada vez mais terras árabes, a construção de cada vez mais colonatos judeus nos territórios ocupados, e o alargamento dos colonatos já existentes. Não foi por acaso que lhe puseram a alcunha de “bulldozer”. Os colonatos são uma manifestação do expansionismo territorial de Sharon, um exemplo da sua preferência pela acção unilateral, e uma forma de impedir a criação de um Estado palestiniano independente.

Durante a campanha eleitoral, Sharon declarou que os acordos de Oslo não existem, mas não disse como é que os ia substituir. Acusou Barak de ser demasiado brando, mas em vez de apresentar o seu próprio plano para um acordo final com os palestinianos, contentou-se em elaborar uma lista de “linhas vermelhas”: não ao desmantelamento dos colonatos, não à retirada do Vale do Jordão, não a concessões em Jerusalém. Indicou também que não entregaria à Autoridade Palestiniana mais do que os 42 por cento da Cisjordânia que ela actualmente controla. “Quando falo de concessões dolorosas, quero dizer que não vamos reocupar Nablus, Jericó e outros locais”, disse ao semanário judaico ultra-ortodoxo “Kfar Habad”. Ehud Barak ofereceu a Arafat um Estado independente em

95 por cento da Cisjordânia e Gaza, e a divisão de Jerusalém, e Arafat recusou. Então como é que Sharon trará a paz?

A esmagadora vitória de Ariel Sharon marca o fim de uma era de moderação no Médio Oriente, que começara com a assinatura dos acordos de Oslo há sete anos. A credibilidade de Sharon como político capaz de fazer a paz está inevitavelmente comprometida pela bagagem que trás consigo para o mais importante cargo do país. Para os palestinianos a sua eleição é profundamente perturbadora devido à extraordinária brutalidade que ele usou para com eles no passado e devido à ameaça que ele representa para os acordos de Oslo. Muitos palestinianos vêem as políticas de Sharon como uma declaração de guerra ao processo de paz.

Quanto aos israelitas que votaram no “guerreiro” experiente, semearam ventos e vão colher tempestades. Uma escalada do conflito israelo-palestiniano é agora inevitável. Mas, de qualquer forma, os israelitas sempre tiveram falta de visão no que diz respeito aos palestinianos. A guerra que Sharon se prepara para combater não tem a ver com a segurança de Israel, e muito menos com a sua existência, mas sim com as suas conquistas coloniais de 1967. Se nos guiarmos pelo seu percurso até agora, a agenda do novo primeiro-ministro terá certamente como objectivo consolidar os colonatos para perpetuar o controlo judaico sobre os territórios ocupados e reforçar o poder colonial de Israel.

A chegada de Sharon ao poder apaga assim, cruelmente, a luz ao fundo do túnel. E enquanto o tipo de atitudes que ele representa persistirem no lado israelita, não haverá segurança nem paz – nem sossego.